

A ANÁLISE DO DISCURSO NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Discourse Analysis in biblical interpretation

Ms. Thaís de Oliveira Viríssimo¹¹³
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

A Análise do Discurso, tida como relevante para a interpretação dos inúmeros gêneros textuais existentes, é uma teoria linguística com extensiva abrangência e aplicabilidade. Sua importância tem sido reconhecida inclusive por aqueles que manuseiam textos antigos, entre os quais a Bíblia é encontrada. Por ser ainda escassa a interação entre estudos da linguagem e teologia no ambiente acadêmico brasileiro, objetiva-se neste artigo apresentar a Análise do Discurso como ferramenta possível de interpretação bíblica. Para isso, interpretou-se *Evangelho de Marcos* 1.1-4, por meio do método desenvolvido por Viríssimo (2018), sob os pressupostos da linguística textual (HORTA, 1991; WALLACE, 2009; GUTHRIE; DUVALL, 1998; OLSSON, 2013). A pesquisa resultou na compilação de informações críticas acerca do texto bíblico.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Novo Testamento; Grego koiné; Evangelho de Marcos.

ABSTRACT

Considered as relevant for interpreting many existing textual genres, Discourse Analysis is a linguistic theory with wide scope and applicability. Its importance has been recognized even by those who handle Ancient texts, among which the Bible is found. As the interaction between studies in languages and Theology in Brazilian colleges is still rare, this paper aims to present Discourse Analysis as a tool for biblical interpretation. Using the method developed by Viríssimo (2018), the *Gospel of Mark* 1.1-4 was observed through linguistic assumptions (HORTA, 1991; WALLACE, 2009; GUTHRIE; DUVALL, 1998; OLSSON, 2013). As a result, it was developed a critical compilation of informations about the text.

¹¹³ Mestre em Letras Clássicas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui também os títulos de Licenciada em Português-Grego, pela supracitada instituição, e de Especialista em Antropologia Intercultural, pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEvangélica). Email: virissimo@protonmail.com.

Keywords: Discourse Analysis; Biblical interpretation; New Testament; Koine Greek; Gospel of Mark.

INTRODUÇÃO

É lugar comum afirmar que nenhuma outra obra literária foi e permanece sendo tão citada, comentada, traduzida e questionada na história da humanidade como a Bíblia – coletânea de livros sagrados para o cristianismo, e igualmente respeitada por outros segmentos religiosos globais¹¹⁴. A influência da Bíblia é notória, inclusive no que se refere à formação cultural brasileira. Suas histórias inspiraram: a arquitetura, a exemplo do Redentor de braços abertos sobre a Baía de Guanabara; a literatura, como os personagens machadianos, *Esau* e *Jacó*; a música, conforme a mistura dos amores poéticos cantada por Renato Russo, em seu *Monte Castelo*.

Ainda assim, a abordagem da Bíblia como um objeto de estudo suscetível ao escrutínio por métodos multidisciplinares continua sendo mínima no espaço acadêmico nacional. É certo que avanços promissores precisam ser destacados nessa área, como o recente “Estudos Bíblicos em Foco: I Congresso”, evento promovido pelo Instituto de Letras da UERJ, em novembro de 2019. Contudo, faz-se indispensável não apenas a criação, mas a manutenção de iniciativas de pesquisas bíblicas fora dos ambientes confessionais de reflexão.

A promoção, pois, de uma metodologia de pesquisa ancorada na Análise do Discurso, destacando-se a sua utilidade no ensino de língua e teologia, é a linha de chegada que se pretende alcançar com essa publicação. Para tal, o artigo foi organizado nas seguintes seções: 2. *Análise do Discurso*, em que conceitos fundamentais acerca do assunto serão apresentados; 3. *Metodologia*, em que o método proposto será passo a passo descrito numa síntese teórica e exemplificado com sua aplicação em *Segundo Marcos 1.1-4*, conforme os itens subsequentes – 3.1. *Contextualização*, 3.2. *Etapas de análise*, 3.3. *Notas* e 3.4. *Interpretação*; e 4. *Considerações finais*, em que se registrará a importância do diálogo entre as Ciências da Linguagem e a Teologia.

¹¹⁴ O islamismo, por exemplo, tem registrado no Alcorão a validade da Torá e da Bíblia como escrituras inspiradas por Deus. Alguns versículos em que isso pode ser percebido são: “Ele te revelou (ó Mohammad) o Livro (paulatinamente) com a verdade, corroborante dos anteriores, assim como havia revelado a Torá e o Evangelho.” (3.3); “Dize: Cremos em Allah, no que nos foi revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos, e no que, do Senhor, foi concedido a Moisés, a Jesus e aos profetas; não fazemos distinção alguma entre eles, porque somos, para Ele, muçulmanos.” (3.84); “E se tivessem sido observantes da Torá, do Evangelho e de tudo quanto lhes foi revelado por seu Senhor, alimentar-se-iam como que está acima deles e do que se encontra sob seus pés. [...]” (5.66).

2. ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (doravante AD) é um quadro teórico com várias possibilidades de aplicação, visto que nele podem ser considerados na análise de um texto, os seus aspectos extralinguísticos (contexto de produção, tipografia, meio de apresentação etc.), paralinguísticos (pontuação, entonação, atos de fala, gênero textual etc.) e linguísticos (ordem lexical, nominalização, estilo etc.) (LOUW, 1992, p. 18). Mesmo textos antigos, com sua exiguidade de formas, podem ser observados à luz da AD, quando definida como “um processo de investigação pelo qual alguém examina a forma e a função de todas as partes e níveis de um discurso escrito, com o objetivo de melhor compreender tanto as partes como o todo daquele discurso” (GUTHRIE, 2001, p. 255, tradução nossa)¹¹⁵. Contudo, para melhor compreensão do que é a AD, faz-se necessário definir o que se entende como discurso.

Funcionando “ao mesmo tempo, como referindo objetos empíricos (‘há discursos’), e como algo que transcende todo ato de comunicação particular (‘o homem é submetido ao discurso’)” (MAINGUENEAU, 2015, p. 23), “discurso” é um termo polivalente. Por um lado, em associação a “objetos empíricos”, refere-se a “um conceito superordenador, no que diz respeito às questões tradicionais dos filólogos e dos literatos”, por abranger “toda uma variedade de gêneros literários, de registros, de níveis de textualização das obras, bem como as distinções formais entre poesia e prosa” (BONDARCZUK, 2017, p. 61). Por outro lado, extrapolando o ato comunicativo, discurso é “um processo, e não um objeto, apresentando um movimento que tem sua dinâmica própria (ou *dýnamis*) e que, por sua vez, envolve a negociação de significado entre os interlocutores” (BONDARCZUK, 2017, p. 61). A própria etimologia da palavra mostra que discurso “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”, sendo, assim, “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2000, p. 15).

Frente a tal complexidade, a AD se configura como uma área de estudos da linguagem que perpassa procedimentos de análise linguística tradicionais, chegando aos campos de atuação das teorias linguísticas modernas. No que diz respeito aos estudos bíblicos, somam-se décadas de aplicação da AD com propósitos diversos – desde a tradução da Bíblia, até a interpretação desta propriamente dita. Porter (2015, p. 134) identifica cinco tipologias de AD desenvolvidos para esses fins: (1) a Sulafricana; (2) a da Sociedade Internacional de Linguística (*Summer Institute of Linguistics*, SIL); (3) uma abordagem eclética; (4) a amparada na

¹¹⁵ “a process of investigation by which one examines the form and function of all the parts and levels of a written discourse, with the aim of better understanding both the parts and the whole of that discourse.”

Linguística Sistêmico-Funcional; e (5) a Continental Europeia¹¹⁶. Como se verá adiante, é nessa última tipologia em que o método a ser apresentado foi ancorado.

3. METODOLOGIA

A Análise do Discurso Continental Europeia, especificamente nos trabalhos desenvolvidos pela escola escandinava, é base dessa metodologia porque, sendo sua ênfase o texto escrito, o que com ela se objetiva é o esclarecimento das relações de conteúdo entre as partes do texto, explicando-as em termos da própria língua original. Por isso, é comum essa tipologia ser comparada à Linguística Textual, e, conforme o teólogo e analista do discurso sueco, Birger Olsson, “uma análise linguístico-textual é um componente básico de todas as exegeses”¹¹⁷ (OLSSON, 1985, p. 107 apud GUTHRIE, 2001, p. 256, tradução nossa).

Em suma, na tipologia Continental Europeia, segundo a elaboração que Reed (1996) faz das formulações de David Hellholm, professor emérito da Faculdade de Teologia da Universidade de Oslo,

a análise do discurso está amplamente preocupada com a comunicação (*Ausdruck*) dos signos (*Zeichn*) por um autor/falante (*Sender*) e o efeito (*Appell*) que eles têm em um leitor/ouvinte (*Empfänger*). Tais signos representam arbitrariamente (*Darstellung*) coisas como objetos, assunto e circunstâncias (*Gegenstände und Sachverhalte*) dos mundos externo e interno dos textos. Isso é basicamente o que a parte de análise do termo "análise do discurso" envolve. (REED, 1996, p. 225, tradução nossa)¹¹⁸.

Feitas tais considerações sobre a tipologia empregada, cabe dizer que as subseções a seguir estão divididas em explicação do processo e a aplicação, a fim de exemplificá-lo no corpus neotestamentário.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O primeiro passo da contextualização do corpus é a leitura integral de uma tradução já existente, sempre que disponível, da obra em que ele se encontra. A versão bíblica aqui

¹¹⁶ Para maiores detalhes, cf. *Breve histórico entre Análise do Discurso e os estudos do Novo Testamento*, subcapítulo da dissertação de mestrado da presente autora (VIRÍSSIMO, 2018).

¹¹⁷ “A text-linguistic analysis is a basic component of all exegesis.”

¹¹⁸ “discourse analysis is broadly concerned with the communication (*Ausdruck*) of signs (*Zeichen*) by an author/speaker (*Sender*) and the effect (*Appell*) they have on a reader/listener (*Empfänger*). Such signs arbitrarily represent (*Darstellung*) such things as objects, subject matter and circumstances (*Gegenstände und Sachverhalte*) of the external and internal worlds of the texts. This is largely what the analysis part of the term ‘discourse analysis’ entails.”

consultada foi a Almeida Revista e Atualizada (seguidamente ARA), em função de nela ser respeitada, “na medida do possível, a forma da língua em que se encontra a mensagem original” (BARNWELL, 2011, p. 15). Ademais, no estudo da Bíblia, é oportuna a leitura em diferentes versões para comparação, “traduções entre as quais você consiga perceber os pontos de divergência” (FEE; STUART, 2011, p. 43), e, caso o pesquisador assim queira fazer, sugere-se que essa leitura comparativa esteja focada no corpus propriamente dito.

No mesmo passo da leitura, realiza-se uma pesquisa histórico-literária, e formula-se uma redação a respeito de questões gerais, como autoria, datação, gênero, público alvo, entre outras informações que o pesquisador julgar pertinentes. Para este exemplar, consultou-se o livro *Introdução ao Novo Testamento* (CARSON; MOO; MORRIS, 1997), e, a partir dele, expandiu-se a bibliografia. É profícuo que o pesquisador já nessa etapa comece a estabelecer suas convicções a respeito das questões gerais, pontuando em seu texto quais variedades são-lhe mais coerentes no todo, conforme o resultado a seguir:

KATA MAPKON, como apresenta a 5ª edição de *The Greek New Testament* (ALAND, 2014), traduzido como *Segundo Marcos*, refere-se ao título atribuído pela tradição eclesiástica ao segundo evangelho da ordem canônica. Contudo, a nomenclatura mais popular para a obra é a de *Evangelho de Marcos*, ou simplesmente *Marcos*, isso por dois fatores. Em primeiro lugar, os quatro escritos dedicados à vida e ao serviço de Jesus são tradicionalmente tidos como “evangelho” – palavra extraída justamente do primeiro versículo de *Marcos*. É válido dizer que *Marcos* esteve à margem dos estudos neotestamentários por muito tempo, possivelmente em função de ser esse o evangelho de menor extensão (16 capítulos em comparação aos 28 de Mateus, 24 de Lucas e 21 de João). Já nos dias atuais, o relato tem ganhado proeminência por ser o mais antigo de que se dispõe acerca de Jesus, tendo servido como base para os textos mateano e lucano (PAGOLA, 2013, p. 11).

A outra razão pela qual a obra tem o título exposto é por datar do II séc. a primeira atribuição de um suposto Marcos como autor do livro. Eusébio, historiador cristão do IV séc., dedica boas porções de seu livro, *História Eclesiástica* (326 d. C.), discutindo a formação do cânone evangélico. Ao escrever acerca de *Segundo Marcos*, Eusébio primeiramente registra o depoimento de um presbítero, testemunhado por Papias, bispo da Frígia, por volta de 120 d. C., o qual dizia que, embora não tivesse ouvido e seguido diretamente a Jesus, Marcos veio a escrever sobre suas ações, por ter sido discípulo e intérprete do apóstolo Pedro (CESARÉIA, III, 39, 15). Eusébio citaria ainda outros Pais da Igreja como Irineu (185 d. C.) e Clemente (195 d. C.), e justificaria a criação do texto em muito pela insistência da comunidade para que um relato evangélico fosse escrito.

A figura desse Marcos, segundo o testemunho bíblico (TENNEY, 2008, v. 4, p. 117), poderia ser construída a partir da fuga de Pedro da prisão; o apóstolo logo se dirigiu “à casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muita gente se havia reunido e estava orando” (*Atos dos Apóstolos*, 12.12 - ARA). Marcos, cujo nome hebraico era João, parece ter sido um jovem financeiramente abastado, levando-se em conta o fato de sua mãe acolher a recém-nascida comunidade cristã em sua própria casa, pondo inclusive servos à disposição dos seus integrantes (*Atos dos Apóstolos*, 12.13). Um detalhe interessante sobre a figura de Maria, mãe de Marcos, é seu provável status de viúva, uma vez que a propriedade era considerada como dela, o que seria inconcebível à época, caso o marido ainda vivesse.

O valor da mulher oriental no período de Jesus estava ligado à fecundidade e ao lar, não sendo igual ao homem da perspectiva da religião (JEREMIAS, 1983, p. 493). Contudo, o papel desempenhado por Maria junto a essa comunidade cristã chama ainda a atenção para a importância de não se subestimar a atuação das mulheres no ambiente cristão, não apenas no sustento dos evangelizadores, mas, sobretudo, na divulgação da mensagem de Jesus, desde os dias em que o Nazareno iniciou sua missão na Galileia. Os registros evangélicos mostram Jesus sempre disposto a posicionar a figura da mulher dentro do vindouro Reino de Deus, dando-lhe voz e importância – tanto por meio dos diálogos estabelecidos com mulheres, como por parábolas contadas cujo enredo as tinha como personagens.

João Marcos também possuía parentesco com o proeminente líder cristão, Barnabé (*Colossenses*, 4.10), que o levou em sua primeira viagem missionária com Paulo (*Atos dos Apóstolos*, 13.5). Entretanto, à época da empreitada, João acabou retornando a Jerusalém (*Atos dos Apóstolos*, 13.13). Os motivos dessa desistência são desconhecidos; sabe-se, no entanto, que eles foram prejudiciais, a ponto de separar Paulo e Barnabé nas viagens posteriores (*Atos dos Apóstolos*, 15.37-39a). Tempos depois, o jovem viria a ser considerado com respeito por Paulo, aquele que antes o rejeitara (*Colossenses*, 4.10; *1 Timóteo*, 4.11; *Filemom*, 24). Também Pedro diria “Marcos, meu filho” (*1 Pedro*, 5.13), ao citá-lo como companheiro na chamada “Babilônia” – provavelmente Roma.

Há quem infira “assinaturas ao pé do quadro”, ou seja, evidências autorais textuais deixadas no próprio evangelho (POHL, 1998). Um exemplo é o excerto de *Marcos*, 10.17-22, o qual se refere ao encontro de Jesus com um homem rico, também relatado em *Mateus*, 19.16-22 e *Lucas*, 18.18-23. Para alguns estudiosos, é sugerido um testemunho pessoal no versículo 21: “Jesus, então, tendo olhado para ele com olhos de amor [...]” (tradução nossa). Uma informação dessa natureza, argumentam esses estudiosos, somente poderia ser registrada pela pessoa presente em tal situação, ou seja, o jovem e rico João Marcos de *Atos dos Apóstolos*.

Ainda que haja consenso na Tradição quanto à autoria de *Segundo Marcos*, o mesmo não se pode afirmar no que diz respeito ao local de publicação, embora a inclinação da maioria seja Roma (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 107). Também quanto à data de criação do texto, quatro são as décadas sugeridas. Sendo a primeira delas os anos 40 d. C., já se mostra evidente o texto escrito ser o produto de uma tradição pré-literária extensa, jogando luz sobre o carácter oral do evangelho. Endossa-se aqui a suposição da publicação de *Segundo Marcos* ter ocorrido em meados dos anos 60 d. C., muito em função de seu conteúdo e do que disseram os primeiros líderes acerca de sua produção.

A principiante fé cristã do I séc. estava imersa num amálgama religioso que a ela fortemente se opunha. Por um lado, as pressões teológicas dos judeus, como os escritos neotestamentários bem expõem; por outro, a repressão do Império Romano, a partir do governo de Nero (CAIRNS, 1995, p. 73), quando teve início o grande massacre tanto de judeus como de cristãos, crentes opositores à religião oficial, sendo estes torturados como uma forma de entretenimento público (GONZÁLEZ, 1995, p. 25). Justifica-se, assim, a feitura de *Marcos* como o apelo a firmeza em resposta a difíceis tempos de perseguição e martírio, e o combate ao sincretismo das divisões religiosas.

Voltando-se para o evangelho como texto literário, *Marcos* é parte do *tetraeuangélion*, “isto é, os quatro Evangelhos vistos como um conjunto de documentos salvíficos que tinham o mesmo valor, veio a ter ampla circulação e reconhecimento, como nos mostram os escritos de Irineu (bispo de Lyon por volta de 180 d. C.)” (ALAND; ALAND, 2013, p. 53). Seu gênero é “evangelho” propriamente dito, algo próprio do cristianismo, ou seja, “um modo de expressar-se único que não pode ser identificado com nenhuma outra obra do tempo antigo” (MARCONCINI, 2012, p. 9). Embora haja quem veja semelhanças dos escritos evangélicos com os modelos das leituras feitas nas sinagogas ou que os vincule “ao gênero da biografia greco-romana e suas variantes” (ZABATIEIRO; LEONEL, 2011, p. 41), o objetivo dos evangelistas era divulgar a mensagem de Jesus, particularmente para as pessoas não radicadas na Palestina, e a forma adotada para isso foi inovadora.

A língua de *Marcos* é o grego koiné em sua variação semítica/vulgar, o que a torna fascinante. Um livro escrito para o povo

[...] composto de aproximadamente 95 narrativas, com 11.240 palavras, 1.345 vocábulos, 30 *ápax*, ou seja, vocábulos não usados em outros lugares do Novo Testamento. A língua é o grego popular da *koiné*, com semitismos (*talithà kum*, *effethà*, *korbân*, *Abbà*), porém não de tal modo a justificar um original aramaico, com alguns latinismos (*praitóron*, *kentyrion*), com estilo vivaz, próprio da língua falada, pouco cuidado gramatical e sintaticamente, que privilegia a parataxe ou coordenação assindética (cf. 6,30-33), inclinado a empregar anacolutos (cerca de 20) com repetição de frases. Tudo evidencia o estilo do narrador, atestado também pelo frequente ‘logo

em seguida' e pelo presente histórico (150 ocorrências) [...]. (MARCONCINI, 2012, p. 90)

3.2 ETAPAS DE ANÁLISE

Esta é, de longe, a parte que exige maior dedicação do pesquisador, pois não se resume a fichar autores, mesmo que de maneira crítica. Trata-se do exame detalhado do corpus em sua língua original. Nesse ponto, faz-se sobretudo necessária a escolha consciente do texto grego que melhor ofereça subsídios de consulta a respeito de sua formação. Por isso, as opções adotadas pela presente autora são continuamente as publicações da Sociedade Bíblica Alemanha, como a quinta edição do Novo Testamento grego (ALAND, 2014).

A perícope selecionada deve, então, ser lida em grego – ato imprescindível, pois “seja para a estrutura, seja para a especificidade do ato de ler, o texto não oferece suporte a um significado inequívoco, mas é ‘o lugar de possíveis significados’” (EGGER, 1994, p. 92). Isto feito, o texto é quebrado em orações, seus elementos analisados morfossintaticamente, e todo o conjunto disposto em diagrama. De fato, a análise morfossintática não é um fim em si mesma, mas o meio pelo qual se poderá dispor o texto analiticamente, dividindo-o em partes ainda menores na diagramação semântico-gramatical¹¹⁹, processo em que melhor se visualiza as relações de nível estrutural.

Na disposição gramatical do texto se pode observar todos os seus constituintes linguísticos e as regras que os coordenam (EGGER, 1994, p. 74). Já na disposição semântica são retratadas “as relações de significado/função entre palavras, frases, orações, sentenças e até mesmo parágrafos”¹²⁰ (DUVALL; GUTHRIE, 1998, p. 40, tradução nossa), pois, “sob o aspecto semântico, o texto é visto como o conjunto de relações (estrutura) entre os seus elementos significantes: forma um todo, constituindo uma espécie de ‘micro-universo semântico’” (EGGER, 1994, p. 91).

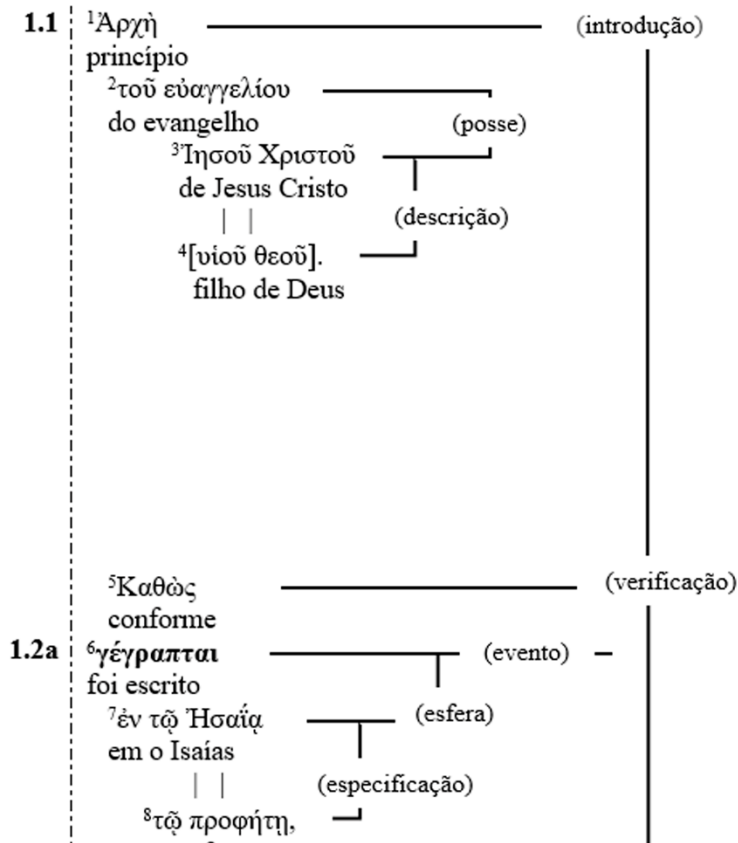
O diagrama contém o texto grego e uma tradução em português, de aparência interlinear. Esta tradução é preliminar, vindo a sofrer sucessivas revisões até que se constitua a proposta final. Contudo, ela é importante em função de o texto original ter sido redigido em grego, de modo que Wegner (1998, p. 28) a considera o “primeiro passo a ser realizado na exegese”. Uma inovação da diagramação, neste artigo, é a numeração para referenciação

¹¹⁹ Embora siga o modelo proposto por Guthrie e Duvall (1998), a diagramação semântico-gramatical aqui empregada é uma adaptação feita por Viríssimo (2018). Sendo uma ferramenta ainda em desenvolvimento, ela é, por isso, amplamente passível de receber críticas.

¹²⁰ “the meaning/function relationships between the words, phrases, clauses, sentences, and even paragraphs.”

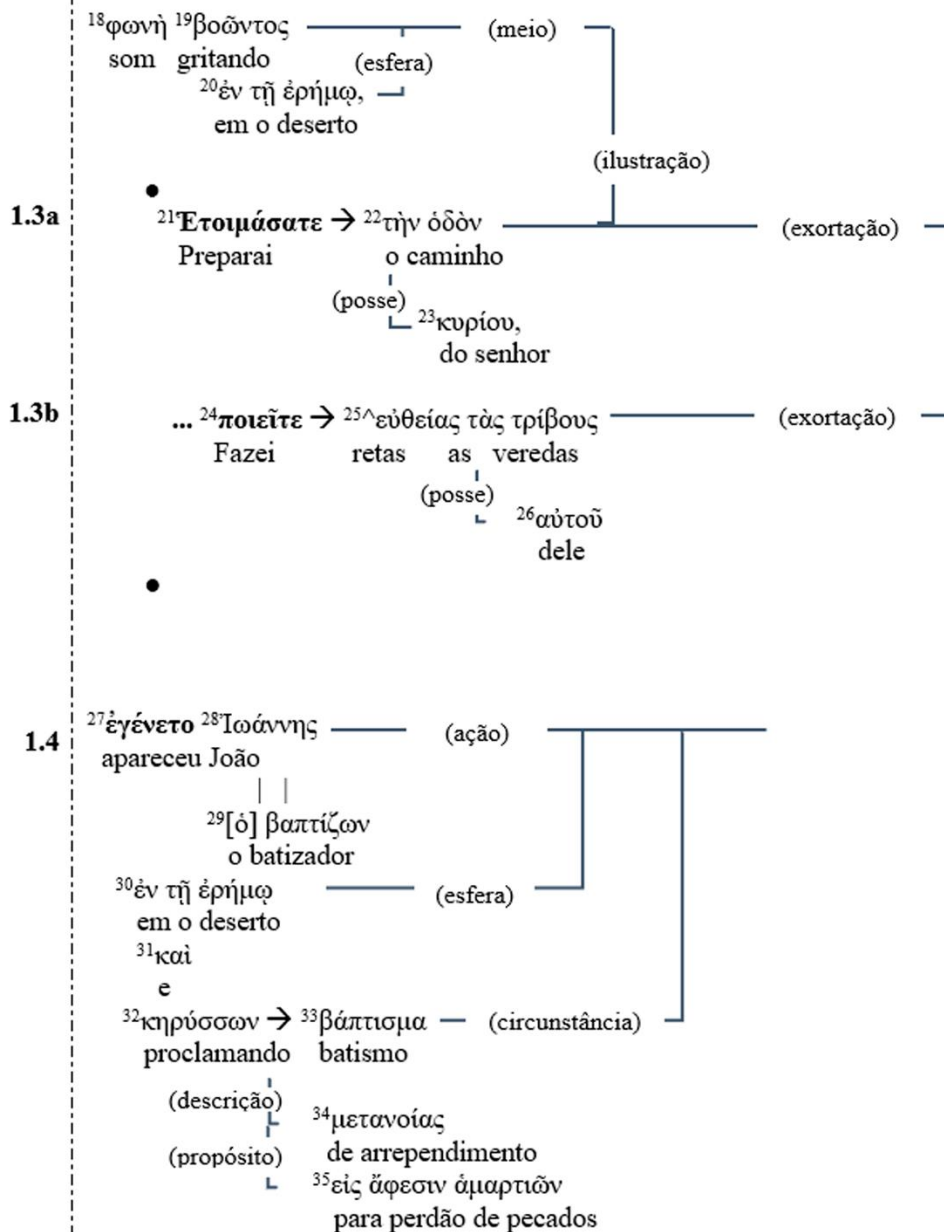
sobrescrita antes dos termos aos quais se refere. Como último passo, tem-se a redação do comentário das relações linguísticas observadas. Exemplo:

Marcos 1.1-4



Continua...

...continuação.



O substantivo (1) introduz *Marcos* delimitando o tema de toda a obra, sob a construção em genitivo propriamente dito (2, 3, 4). Há um sentido básico de posse entre (2), (3) e (4), embora este não tenha sido representado por setas. Optou-se por deixar os modificadores juntos na mesma linha tanto (3) como (4), por eles funcionarem como uma unidade, devendo, por isso, ser interpretados em conjunto. Outro sentido passível de ser destacado, também não exposto no diagrama, é de especificação entre os elementos em (3), e de relacionamento em (4).

Na parte a do versículo 2, o advérbio (5) verifica, ou seja, fornece uma evidência que comprove a validade da introdução, por meio da fórmula de invocação veterotestamentária em perfeito resultativo (6), o qual se refere a “uma ação inteiramente acabada, e, por conseguinte, também o resultado de uma ação passada, cujos efeitos perduram (ideia de estado)” (HORTA, 1991, p. 208). O redobro ($\gamma\epsilon$ -), característico dos tempos passados, marca esse grau de acabamento da ação, que, na esfera expressa em (7), reforça ser o agora o momento do cumprimento de algo predito. O autor pela obra, metonímia em (8) que ligada a (7) o especifica como ênfase – repetição do artigo equivalendo a adjunto adnominal enfático. Na parte b do versículo, a partícula demonstrativa (9) chama a atenção para a ação que a segue (ROBINSON, 2012, p. 430), o verbo (10) prefixado pela preposição que despede o objeto em (11) “para determinado propósito” (LOUW; NIDA, 2013, p. 172). Esse objeto (11) tem sua natureza especificada em (15), e pertence a (12). Também está expressa a relação de posse entre (13) e (14), (16) e (17).

No versículo seguinte, a construção (18) e (19) explica como se deu a ação (10) sobre o objeto (11), e qual foi a sua esfera (20) de ocorrência. Duas exortações, então, são expressas, e o contraste entre elas está no tempo verbal. Por um lado, tem-se o imperativo aoristo (21) traduzindo “ordem particular e momentânea”; por outro, há o imperativo presente (24) exprimindo “uma ordem geral que perdura” (HORTA, 1991, p. 282). Transmitem, assim, sob ilustração, a impressão de grande urgência e necessidade de permanência tanto a força de significado do verbo (19), como o seu discurso (21) e (24). A relação de posse em (22) e (23) é um paralelismo com (16) e (17), especificando em (23) a figura do (17). Ainda outra relação de posse há entre (25) e (26).

No versículo final, sem preocupação com o processo, mas acompanhando o tempo da narração histórica, o tempo aoristo em (27) expressa a ação instantânea (WALLACE, 2009, p. 554) de chegada do sujeito (28), especificado em (29) – subjetivação do participio. Nota-se um paralelismo entre as esferas expressas em (20) e (30), de modo que (28) descreve (18), dando-lhe detalhes vívidos. A ação (27), então, é ligada por (31) a à maneira como aconteceu (32) – noção adverbial presente no modo participio. A mensagem (33) dessa circunstância é específica (34) para um fim (35).

3.3 NOTAS

Esta parte do método consiste na elaboração de notas explicativas acerca de palavras-chave ou passíveis de esclarecimento no corpus, as quais acabam por compor um dicionário próprio do pesquisador. Segundo Egger (1994), o processo de compreensão dos significados

de um texto depende do repertório de conhecimentos prévios do leitor, já que sem o arcabouço cultural necessário, ele não será capaz de apreender os sentidos velados de um escrito, especialmente um de tempos longínquos. Acerca do Novo Testamento, demanda-se “que se aproximem ao menos os principais paralelos do ambiente, p. ex. os do AT e do mundo helenístico contemporâneo” (EGGER, 1994, p. 92).

Os verbetes dessa análise foram escritos com base na *Enciclopédia da Bíblia* (TENNEY, 2008) e apresentados com o item a respeito do qual se pretende dissertar em negrito e em português, conforme a tradução interlinear, seguido da forma grega em itálico, como aparece no corpus, e introduzida pela abreviação “gr.”. Veja, a seguir:

Versículo 1

Evangelho. *gr. εὐαγγελίου.* Vocábulo que, em sua origem, “não se referia aos quatro escritos, mas a anúncios proclamados oralmente” (MARCONCINI, 2012, p. 5). Sob o advento messiânico, significa o bom anúncio da possibilidade de recomeço e renovação. Seu uso é encontrado no Antigo Testamento com o sentido religioso da comunicação da mensagem profética (cf. *Isaiás*, 52.7), bem como para a anunciação feita em cenários de guerra ou por ocasião do nascimento de uma criança (cf. *Jeremias*, 20.15; *ISamuel*, 31.9). Esse segundo uso está conectado à forma de uso que os gregos faziam da palavra – a ideia da proclamação de uma notícia alegre de cunho político ou pessoal, referindo-se à recompensa dada ao mensageiro que proclamou tal “boa nova”. Novamente, trata-se de uma palavra associada a contextos basicamente orais.

Jesus. *gr. Ἰησοῦ.* A Jesus é atribuído o papel mais importante em todo o Novo Testamento, sendo apresentado como a chave de interpretação do Antigo. Nos Evangelhos, ele é apresentado como um homem judeu nascido milagrosamente nos limites da Palestina (cf. *Mateus*, 2.1; *Lucas*, 2.4-7), pela concepção espiritual de Maria, virgem, por ainda ser noiva de José na ocasião (cf. *Mateus*, 1.18; *Lucas*, 1.27). Sabe-se pouco acerca de sua infância (cf. *Mateus*, 2.19-23; *Lucas*, 2.41-52; 4.16), estando o relato de suas ações concentrados em sua idade adulta (cf. *Lucas*, 3.23).

Cristo. *gr. Χριστοῦ.* Do hebraico *mashiach*, aquele sobre o qual Deus derramou a autoridade sacerdotal e real do esperado messias dos judeus (STERN, 2008, p. 26). Esse título era concedido a reis e a sacerdotes, ensejando, portanto, além da religiosa, uma interpretação política sobre Jesus.

[filho de Deus]. *gr. [υἱοῦ θεοῦ]*. Pode ter sido parte original ou um acréscimo posterior, “para indicar que não se tem certeza quanto ao texto original, as palavras υἱοῦ θεοῦ aparecem, no texto, entre colchetes” (OMANSON, 2010, p. 56). Opta-se aqui pela originalidade, visto que a paternidade celestial dispensada sobre Jesus será confirmada na forma de ilustração no evangelho poucos versículos depois (*Marcos*, 1.10-11), sendo o Jesus evangélico uma percepção do evangelista. Assim, a expressão deve ser entendida como a preocupação de um autor que escreve para romanos acostumados a cultuar heróis nacionais atribuídos de características divinas, por força do arcabouço mítico grego na religião imperial.

Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus. *gr. τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ [υἱοῦ θεοῦ]*. Mais do que pertencer a Jesus, o “evangelho” é o designador da boa notícia acerca daquele que se tornou “portador de toda novidade, sendo portador de si mesmo” (MARCONCINI, 2012, p. 7).

Versículo 2

Isaías, o profeta. *gr. τῷ Ἠσαΐα τῷ προφήτῃ*. Inspirado orador que previu a vinda do salvador e servo sofredor, Jesus (*Isaías*, 9, 53), cerca de 700 anos antes de ela acontecer. Foi um importante profeta veterotestamentário, com clara influência na esfera político-religiosa de seu tempo (*2Reis*, 19.1-7). Ao longo da história, o profetismo entre os hebreus assumiu um caráter vocacional e não institucional, em contraste à profecia profissional cultural popular e/ou monárquica (FOHRER, 1982, p. 289). O que se quer dizer com isso é que os profetas profissionais perderam sua importância para “os grandes profetas individuais, incluindo Amós e Oséias, Isaías e Miquéias, Sofonias e Jeremias, Ezequiel e, em parte, o Deuteroisaiás” (FOHRER, 1982, p. 291), à medida que o povo tomava consciência de que estes estavam certos, contrariamente aos profetas profissionais. Foi dessa maneira que se deu início à compilação dos discursos dos grandes profetas individuais, formando coleções que posteriormente ficaram conhecidas como escritura sagrada (FOHRER, 1982, p. 291).

Eia, envio meu mensageiro diante da tua face. *gr. Ἴδὸν ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου*. A citação no versículo 2 pertence ao profeta Malaquias (*Malaquias*, 3.1), enquanto a metonímia enfatiza Isaías. A Bíblia que os cristãos do primeiro século liam e ouviam era a Septuaginta – a tradução grega do Antigo Testamento, tradicionalmente atribuída a 72 filólogos durante o período pós-exílico, conhecida também como LXX. Grande parte das citações no NT era baseada nessa tradução, e, muitas vezes, por meio da memória auditiva que

se tinha das leituras feitas em voz alta durante as concentrações populares. Ao citar apenas Isaías, Marcos parece ter cometido um ato falho que priorizou o profeta maior, ou seja, aquele que tinha a maior quantidade de escritos sob a influência divina. A seguir, uma exposição paralela da fonte na LXX (RAHLFS, 1979), e da citação em Marcos:

LXX	NT
<p>Malaquias 3.1</p> <p><u>ἰδοὺ ἐγὼ ἐξαποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου, καὶ ἐπιβλέψεται ὁδὸν πρὸ προσώπου μου, καὶ ἐξαίφνης ἥξει εἰς τὸν ναὸν ἐαυτοῦ κύριος, ὃν ὑμεῖς ζητεῖτε, καὶ ὁ ἄγγελος τῆς διαθήκης, ὃν ὑμεῖς θέλετε· ἰδοὺ ἔρχεται, λέγει κύριος παντοκράτωρ.</u></p> <p>Isaías 40.3</p> <p><u>φωνὴ βοῶντος ἐν τῇ ἐρήμῳ Ἐτοιμάσατε τὴν ὁδὸν κυρίου, εὐθείας ποιεῖτε τὰς τρίβους τοῦ θεοῦ ἡμῶν·</u></p>	<p>Marcos 1.2</p> <p>Καθὼς γέγραπται ἐν τῷ Ἡσαΐα τῷ προφήτῃ, Ἴδοὺ ἀποστέλλω τὸν ἄγγελόν μου πρὸ προσώπου σου, ὅς κατασκευάσει τὴν ὁδὸν σου·</p> <p>Marcos 1.3</p> <p><u>φωνὴ βοῶντος ἐν τῇ ἐρήμῳ, Ἐτοιμάσατε τὴν ὁδὸν κυρίου, εὐθείας ποιεῖτε τὰς τρίβους αὐτοῦ</u></p>

Versículo 3

Deserto. *gr. τῇ ἐρήμῳ.* Frequente cenário no texto bíblico, o deserto tinha grande influência na vida e na cultura da Palestina (TENNEY, 2008, v. 2, p. 95). Em *Marcos*, João estava próximo ao rio Jordão, na altura de Nazaré da Galiléia (cap. 1, vv. 5 e 9).

Senhor. *gr. κυρίου.* Trata-se de um título dado a Deus e a Cristo, com a ideia de “aquele que governa a humanidade com autoridade sobrenatural” (LOUW; NIDA, 2010, p. 126).

Versículo 4

João, o que batiza. *gr. Ἰωάννης [ὁ] βαπτίζων.* Personagem neotestamentário tido como aquele que antecederia a vinda do Cristo (*Mateus*, 3; *Marcos*, 1.2-11; *Lucas*, 3.1, 15-17, 21-22). Filho de sacerdote (*Lucas*, 1.8-25; 1.57-80), João Batista rompeu com as expectativas

eclesiásticas de sua linhagem, exercendo uma vocação na medida dos profetas antigos, sendo, por vezes, associado à figura de Elias (*Mateus*, 11.7-14) – “esse formidável asceta, frequentador do deserto em sua vestimenta grosseira, fazia reviver a imagem popular de um profeta inspirado, e, como os antigos profetas, anunciava o iminente julgamento de Deus sobre um povo infiel” (DODD, 1977, p. 137).

Batismo. *gr. βάπτισμα.* Vocábulo que literalmente significa imersão, mas que na mentalidade judaica do séc. I “*podia incorporar ambas as realidades espirituais e os símbolos físicos.* Em outras palavras, quando alguém falava de batismo, comunicava *ambas as ideias* – a realidade e o ritual.” (WALLACE, 2009, p. 370, grifo do autor).

Batismo de arrependimento. *gr. βάπτισμα μετανοίας.* Expressão usada nos evangelhos (*Marcos*, 1.4; *Lucas*, 3.8), que revela uma das tarefas da missão a qual João estava atrelado. No contexto da personagem, parece que

o batismo de João Batista reflete muito mais o costume dos banhos rituais entre os judeus do que o tipo de batismo praticado pelos cristãos, que era um símbolo de iniciação na comunidade cristã baseada na fé em Jesus Cristo e na lealdade para com ele, como Senhor e Salvador. (LOUW; NIDA, 2013, p. 479)

Libertação. *gr. ἄφεσις.* Consiste no “cancelamento da culpa do pecado”¹²¹ (BAUER, 1979, p. 125, tradução nossa).

Pecados. *gr. ἁμαρτιῶν.* A transgressão da medida justa em que se deveria viver, tanto conforme as coisas humanas como as divinas (BAUER, 1979, p. 43). Por medida justa, na esfera bíblica, o parâmetro é o caráter de Deus (*Deuteronômio*, 32.4; *Salmos*, 11.7; *Miquéias*, 6.8). A humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus (*Gênesis*, 1.27), assim foi feita para viver e ser conforme seu Criador (*Isaiás*, 43.7; *I Coríntios*, 10.31). O pecado consiste, pois, numa desconfiguração do ser humano, em referência a Deus. Em diferentes textos do Novo Testamento (*Hebreus*, 10.12; *Gálatas*, 1.4; *I João*, 1.7), nota-se que a condição pecaminosa da humanidade não é um simples erro do alvo, mas um estado de degradação que só pôde ser transposto por Jesus, em sua entrega voluntária para morrer à semelhança dos animais usados nos sacrifícios judaicos.

¹²¹ “cancellation of the guilt of sin.”

Perdão dos pecados. *gr. εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν.* O desconhecido autor da *Epístola aos Hebreus* desenvolve a ideia de perdão em comparação com a lei mosaica. Tratando-se de uma representação do que haveria de vir (*Hebreus*, 10.1), a lei teve em Jesus o seu cumprimento, pois por ele foi “oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados” (*Hebreus*, 10.12). Os sacrifícios de animais, embora fossem aceitos por Deus dentro das condições estabelecidas, não eram suficientes para apagar a consciência de pecado, ou seja, a culpa que reside sobre aquele que peca, visto que, vez após vez, ao espiar o sangue de um cordeiro, o indivíduo se lembrava de sua condição de portador da transgressão (*Hebreus*, 10.3). O perdão dos pecados configura-se, pois, como aquilo que tem o poder que a lei não tinha: a anulação total da culpa (*Hebreus*, 10. 17).

3.4 INTERPRETAÇÃO

Eis a última etapa do método. Nela são encontradas: a proposta definitiva de tradução, amparada sobre o tripé exatidão, clareza e naturalidade (BARNWELL, 2011, p. 25); o esboço do texto, parcialmente formulado neste artigo conforme os títulos encontrados na obra *Synopsis Quattuor Evangeliorum* (ALAND, 1967); e o comentário final, em que se privilegia apenas alguns aspectos de todo o material produzido, respeitando-se as conclusões obtidas das relações intra e extra textuais dos elementos estruturantes do texto, de maneira a explicitar o que seja relevante para dentro do escopo da pragmática. Exemplo:

Esboço

1.1: O PRÓLOGO

1.2-4: JOÃO, AQUELE QUE BATIZA

1.2-3: Profecia veterotestamentária

1.4: O surgimento de João

Proposta de tradução

1. Início do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. **2.** Assim como permanece escrito em Isaías, o profeta: “Atenção! Despeço, antes de tua presença, o meu mensageiro, o qual colocará em ordem o teu caminho. **3.** Uma voz trovejante no deserto: Preparai o caminho do Senhor, fazei retas as suas veredas.” **4.** Surgiu no deserto João, aquele que batiza, anunciando o batismo de arrependimento para o perdão dos pecados.

Reflexão

O primeiro versículo de *Marcos*, uma sentença que sendo incompleta em si funciona como o título a obra, define os parâmetros de leitura da história que há de ser contada: o evangelho pertence a Jesus. É esse personagem o início da causa evangélica, bem como o tema do livro. Sem a preocupação de fornecer dados históricos, Marcos o apresenta como o libertador prometido e resume sua genealogia: filho de Deus. Ao se pensar nos primeiros leitores-ouvintes, pessoas ansiosas por novos tempos de prosperidade e paz, a imagem de um Jesus heroico e divino, mais forte que a humanidade mortal, cativa a atenção para o que há de ser dito.

No versículo seguinte, Marcos gera ainda mais expectativa em seu público, recorrendo à memória coletiva das profecias antigas para mostrar a validade de sua mensagem. Ele assim o faz por meio da fórmula “conforme escrito”, mostrando sua credencial de inspiração. Marcos inaugura a interpretação evangélica do Antigo Testamento. Pode-se inferir que atribuindo a referência somente a Isaías, profeta de singular importância, o evangelista procura confirmar suas palavras como dotadas da mesma autoridade da tradição profética de Israel. E essa antiga profecia invocada por Marcos permanece presente enquanto o texto existir. Surge, então, o mensageiro que haveria de ser enviado da parte de Deus.

Antecedendo o Cristo esperado, o mensageiro aparece sob a forma de um som, uma voz que se faz ouvir no deserto. São duas as exortações que essa voz traz: agora é hora de preparar o caminho do Senhor, e permanentemente se deve preparar as suas veredas. Uma mensagem urgente e contínua. A voz, então, simplesmente aparece sob o nome de João. Do ponto de vista de quem ouve a voz, tudo o que foi dito até agora se afigura como o prelúdio perfeito para a chegada do novo personagem – que não é o messias, mas possui grande importância histórica na tradição profética.

Eis uma obra prima a imagem desse João que surge no ermo lugar como um som trovejante irrompendo e se transformando, gradativamente, em homem, numa espécie de efeito sinestésico. João é o que batiza, ou seja, aquele que anuncia a outros a imersão na mudança da forma como se vê e se pensa a própria existência, para assim se alcançar a possibilidade de soltura das amarras que aprisionam. O mistério sendo revelado sobre a figura angelical faz com que a séria narrativa assuma a delicadeza de uma contação de histórias sem, contudo, anular a força das verdades para aqueles que nelas creem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As etapas de execução neste artigo foram aqui descritas partindo de 2. *Análise do Discurso*, em que se procurou elucidar essa área da linguística de maneira acessível a leitores especializados em outros saberes. Em 3. *Metodologia*, o método foi explanado em detalhes nos tópicos subsequentes. Em 3.1. *Contextualização*, pretendeu-se a delimitação dos sentidos de produção do texto. Em 3.2. *Etapas de Análise*, foi disposta a diagramação semântico-gramatical desse texto e uma breve análise de suas relações linguísticas. A seguir, em 3.3 *Notas*, houve a elucidação de termos específicos constantes do fragmento examinado. Por fim, em 3.4 *Interpretação*, a autora pretendeu alcançar uma compreensão mais apurada do enredo.

Conclui-se que o método apresentado figura como um instrumental interessante de pesquisa e de ensino – objetivo primeiro para o qual foi desenvolvido –, oferecendo subsídios para os dispostos a se debruçar sobre o aprofundamento de sua prática acadêmica e/ou religiosa. Num contexto de impressionante preconceito da Academia para com a Bíblia como objeto de estudo literário, é essencial que o intérprete do texto bíblico esteja disposto a reinventar sua prática de pesquisa por meio da dialética multidisciplinar. Existe uma instrumentalidade na diversidade das teorias científicas, e esta pode ser aproveitada sem que se extrapole os possíveis sentidos do texto.

Como ressalta Egger (1994, p. 9), “uma metodologia neotestamentária é antes de tudo uma introdução à correta leitura dos textos do Novo Testamento”. As distâncias existentes entre um texto antigo e o leitor atual constituem um grande desafio, dada a imensa diferença entre uma época e outra, não raro se afigurando praticamente impossível o pleno resgate do entendimento do modo de pensar de um narrador/narratário inserido no contexto originário e o leitor/intérprete atual, voltado para a pesquisa, na constante busca do conhecimento. Tanto a língua como a cultura em geral passam por mudanças as mais variadas ao longo do tempo, e caso o pesquisador tenha um compromisso confessional com o texto, ele lhe imporá também distanciamentos de ordem divina (LOPES, 2004, p. 25).

O reconhecimento das aparentes barreiras exige o esforço do estranhamento por parte desse leitor/intérprete que, por um lado, pode estar preso à familiaridade encontrada no texto, ou que, por outro lado, pode ler equivocadamente, sob seu perspectivismo, o que lhe é desconhecido. Por isso, trabalhar com textos da Antiguidade é também uma provocação das Ciências Sociais. Assim, para ambas as situações supracitadas, pode-se parafrasear o antropólogo Gilberto Velho (1978, p. 45), e dizer que é necessário ao que se propõe à pesquisa o confronto intelectual e emocional de diferentes versões e interpretações do texto, a fim de se tornar capaz de estranhá-lo. Só assim se consegue alcançar a erudição prometida pela reflexão científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, K.; ALAND, B. *O texto do Novo Testamento: Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria prática da moderna crítica textual*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALAND, K. (Ed.). *Synopsis Quattuor Evangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitibus edidit*. 8. ed. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1967.

_____. *The Greek New Testament*. 5. ed. Münster: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.

BARNWELL, K. *Tradução bíblica: um curso introdutório aos princípios básicos de tradução*. 3. ed. Tradução de Mary Daniel. Anápolis; Barueri: Associação Internacional de Linguística; Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BAUER, W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Tradução de F. Wilbur Gingrich William F. Arndt. 2a. ed. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1979.

BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONDARCZUK, S. O. G. *Um Estudo das Partículas Gregas na Tessitura Argumentativa do Diálogo Filebo de Platão*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017, p. 283. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: < <http://tiny.cc/8ll2kz> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. Tradução de Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CESARÉIA, E. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística, 15).

DODD, C. H. *O Fundador do Cristianismo*. Tradução de Luiz João Gaio. Revisão de Luiz Antônio Lindo. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

_____. *Segundo as Escrituras: estrutura fundamental do Novo Testamento*. Tradução de José Raimundo Vidigal. Revisão de Luiz A. Miranda. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. Tradução de Johan Konings, Inês Borges. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994. (Bíblica Loyola, 12).

FOHRER, G. *História da religião de Israel*. Tradução de Josué Xavier. Revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. (Nova coleção bíblica, 15)

GONZÁLEZ, J. L. *E até os confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*. Tradução de Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GUTHRIE, G. H. Discourse Analysis. In: BLACK, D. A.; DOCKERY, D. S. *Interpreting the New Testament: Essays on Methods and Issues*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001. p. 253-268.

GUTHRIE, G. H.; DUVALL, J. S. *Biblical Greek Exegesis: A Graded Approach to Learning Intermediate and Advanced Greek*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1998.

HORTA, G. N. B. P. *Os Gregos e Seu Idioma: manual prático de língua grega clássica e de cultura helênica para uso dos cursos universitários de letras*. Tomo I. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio & Cia. Ltda., 1991. (Linguística, 1).

JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. 2. ed. Tradução de M. Cecília de M. Duprat. Revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. (Nova coleção bíblica, 16)

LOPES, A. N. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

LOUW, J. P. Reading a Text as Discourse. In: BLACK, D. A.; BARNWELL, K.; LEVINSON, S. (1). *Linguistics and New Testament Interpretation: Essays on Discourse Analysis*. USA: Broadman Press, 1992. pp. 17-30.

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e Análise do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCONCINI, B. *Os Evangelhos Sinóticos: formação, redação, teologia*. Tradução de: Clemente Raphael Mahl. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Bíblia e história).

OLSSON, B. *A commentary on the Letters of John: an intra-Jewish approach*. Tradução de Richard J. Erickson. Eugene: Pickwick Publications, 2013.

OMANSON, R. L. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego"*. Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. [S.l.]: Pontes Editores, 2015.

PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus: Marcos*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2013.

POHL, A. *Evangelho de Marcos: comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

PORTER, S. E. *Linguistic Analysis of the Greek New Testament: Studies in Tools, Methods, and Practice*. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2015.

RAHLFS, A. (Ed.). *Septuaginta (LXX)*. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

REED, J. T. Discourse Analysis as New Testament Hermeneutic: A Retrospective and Prospective Appraisal. *Journal of the Evangelical Theological Society (JETS)*, v. 39, n. 2, Jun. 1996. p. 223-240. Disponível em: < <http://tiny.cc/vll2kz> >. Acesso em: 11 nov. 2019.

ROBINSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*. Tradução de Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

STERN, D. H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Belo Horizonte: Editora Atos, 2008.

TENNEY, M. C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia*. Volumes 2 e 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. D. O. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. Cap. 2, p. 36-46.

VIRÍSSIMO, T. O. *A análise do discurso aplicada em Atos dos Apóstolos como metodologia de ensino de grego koiné*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018, p. 170. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: < <http://tiny.cc/jkl2kz> >. Acesso em: 11 nov. 2019.

WALLACE, D. B. *Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. Tradução de Roque Nascimento Albuquerque. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009.

WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo; São Paulo: Editora Sinodal/Paulus, 1998.

ZABATIERO, J. P. T.; LEONEL, J. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Palimpsesto).